

CONVIVÊNCIA COM GATOS EM AMBIENTES URBANOS: PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

COEXISTENCE WITH CATS IN URBAN ENVIRONMENTS: PERCEPTION OF BIOLOGICAL SCIENCES STUDENTS

Mayza Costa Brizenó*

Maria Helena Costa Carvalho de A. Lima**

Ariene Cristina Dias Guimarães Bassoli***

RESUMO: As relações humanas com os gatos assumiram formas bastante variadas ao longo da história, passando do uso instrumental ao *status* de membro da família, gerando representações ambíguas sobre a espécie. Na condição de domésticos, encontram um alto índice de abandono, motivado pela falta de controle reprodutivo, problemas de convivência e falta de conhecimento sobre seu comportamento. Como consequência, as grandes cidades brasileiras enfrentam um problema de superpopulação de gatos em situação de abandono e diversos conflitos em torno de colônias de felinos, estabelecidas comumente em praças, parques, mercados e campi universitários. Com o objetivo de compreender como se dão as interações em torno de uma colônia de gatos, foi realizado um estudo com estudantes do Centro de Biociências da Universidade Federal de Pernambuco, com aplicação de 215 questionários. Neste artigo, analisamos as representações dos estudantes sobre esses animais e sua presença no campus. Os resultados apontam a presença de opiniões de senso comum sobre o comportamento desses animais e sobre as possibilidades de contágio por zoonoses, mas, ao mesmo tempo, indicam uma preocupação com o bem-estar, que embasa a condenação às políticas de extermínio e aos maus tratos. O estudo aponta caminhos a serem trilhados em uma ação de educação ambiental voltada para um convívio mais saudável e menos conflituoso com os animais em situação de abandono.

PALAVRA-CHAVE: Interação humano-animal, gato doméstico, representações populares.

ABSTRACT: *Human relationships with cats have taken on varied forms throughout history, ranging from instrumental use to family member status, generating ambiguous representations about the species. In domestic condition, they find a high level of abandonment, motivated by the lack of reproductive control, coexistence problems and unfamiliarity about their behavior. As a consequence, many Brazilian cities face a problem of stray cats overpopulation and diverse conflicts around colonies of felines, commonly established in squares, parks, markets and*

* Bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Morfotecnologia do Departamento de Histologia e Embriologia da UFPE. Coordenadora científica do projeto de extensão “Adote um Vira-Lata” da UFPE.

** Professora adjunta da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus Sumé - PB. Doutora em Sociologia pela UFPE. Vice-Coordenadora do Programa Adote um Vira-Lata.

*** Professora Doutora do Departamento de Histologia e Embriologia da UFPE e Coordenadora do Programa de Extensão Adote um Vira-Lata.

university campus. Aiming to understand how the interactions around a cat colony occur, a study was carried out with students from the Biosciences Center of the Universidade Federal de Pernambuco, with application of 215 questionnaires. In this paper, we analyze students representations about these animals and their presence on campus. The results shows the presence of common-sense opinions about the behavior of these animals and the possibilities of infection by zoonoses but, on the other hand, indicate a concern for well-being, which underlies the condemnation of stray animals extermination policies. The study points paths to an environmental education action in the name of a healthier and less confrontational relationship with abandoned animals

KEY-WORDS: *Human-animal interaction, domestic cat, popular representations.*

1. INTRODUÇÃO

Ao longo da história, foram muito diversas as formas de interação do gato doméstico com a espécie humana, variando de momentos em que foram endeusados até situações em que foram perseguidos e mortos ou torturados e mutilados. No Egito e Grécia Antiga, os gatos eram reverenciados como divindades, exercendo fascínio sobre os humanos. Com a ascensão do cristianismo na Europa, os deuses pagãos foram extintos, causando sérias consequências para esses animais, que passaram a ser vistos como associados a feitiçaria e mau agouro. Essa mudança de atitude pode ser atribuída à extinção do politeísmo que era o culto a vários deuses e também a interpretações negativas sobre o comportamento desse animal (OSÓRIO, 2010).

No período medieval, o reino animal aparecia com um aparato de símbolos que transmitiam a doutrina cristã, sendo essa simbologia preservada no século XVII. As representações dos animais eram nada mais que projeções de atitudes humanas, relacionadas aos impulsos da natureza que os cidadãos que se pretendiam civilizados pretendiam afastar de si mesmos - a ferocidade, a gula, os impulsos sexuais. Ironicamente, pontua Thomas (2010), quem guerreava com sua própria espécie, comia mais que o necessário e era sexualmente ativo durante todo ano eram os homens, e não os gatos.

No início da Idade Moderna, os gatos ainda possuíam conotações negativas devido a toda representação criada durante o período medieval, mas, aos poucos, esses felinos passaram a ser alvos de afeto e a serem acolhidos nos lares. Assim, o convívio com essa espécie atualmente é marcada pela ambiguidade, pois, ao mesmo tempo em que cresce ao redor do mundo a visão do gato como animal de companhia e ser senciente, ainda são significativamente frequentes os casos de crueldade, abandono e morte desses animais (MACHADO e PAIXÃO, 2014).

Diante das problemáticas do abandono e dos maus tratos de gatos e dos conflitos em torno

do convívio com colônias de felinos, pretendeu-se realizar uma pesquisa que ajudasse a compreender melhor essas representações em um campus universitário marcado pela presença frequente de animais abandonados e comunitários. Em contextos assim, entender a forma como o gato é visto é primordial para que se possa planejar adequadamente intervenções com ações educativas em prol de uma convivência mais saudável e respeitosa com esses animais. Neste artigo, apresentamos os resultados de uma pesquisa sobre as representações dos estudantes do Centro de Biociências da Universidade Federal de Pernambuco sobre a convivência com os gatos que habitam o campus.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

As relações humanas são fruto de processos históricos em que os diferentes grupos constituem não apenas padrões de conduta, costumes e normas, como também representações sobre si mesmos, sobre os outros grupos e sobre o mundo que os cerca. Nesses processos contínuos de construção social, as espécies animais são tratadas de acordo com vários fatores, como o espaço físico que ocupam, as funções que lhes são atribuídas e a maior ou menor proximidade ontológica e moral com que são percebidos em relação aos humanos. Dessa forma, é importante fazer algumas pontuações de caráter histórico para que se possa compreender como os gatos se tornaram, por um lado, animais de companhia representados como amorosos e divertidos e, por outro lado, animais que se multiplicam em situação de rua e são representados como sujos e traiçoeiros.

2.1 A história da convivência e das representações com o gato doméstico

Com o desenvolvimento das sociedades humanas, pode ser notado o processo de domesticação de várias espécies animais que apresentavam vantagens para a sobrevivência de nossa espécie. A aproximação dos gatos foi um resultado do início da produção agrícola, quando, nas plantações, surgiram ratos que prejudicavam a produção e gatos que os caçavam. Dessa forma, os gatos passaram a ser vistos de maneira positiva os seres humanos permitiram o contato com esses felinos, dando preferência aos mais afetuosos e mansos, e assim, iniciando a criação seletivas de gatos (TATIBANA e COSTA-VAL, 2009).

Ao longo da história desse convívio, é possível perceber em diversos momentos que esse

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 1, n. 2, p. 22-44, jul.-dez., 2018.
Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 1, n. 2, p. 22-44, jul.-dic., 2018.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 1, n. 2, p. 22-44, jul.-dec., 2018.

animal possuiu uma simbologia bastante ambígua. A representação simbólica dos animais não humanos é fundamentada não apenas em sua forma biológica, mas também no seu comportamento, ao qual são atribuídas características positivas ou negativas a depender do contexto e, muitas vezes, das relações traçada entre essas características e aquelas observadas na espécie humana (MACHADO e PAIXÃO, 2014). Durante a Antiguidade, os povos do Egito e Pérsia, acreditavam que os animais não humanos possuíam espírito. Apesar de não terem sido o primeiro povo a domesticar o gato, os egípcios possuíam um verdadeiro fascínio por esse animal (OSÓRIO, 2010). Na Pérsia o gato também era venerado e acreditava-se que matar um gato preto seria matar o espírito de um amigo (GANDRA, 2015).

Os gatos também fizeram parte de outras culturas. Na Grécia antiga, os filósofos Pitágoras, Plutarco, Porfírio e Plínio possuíam um pensamento ético em relação aos animais não humanos, afirmando que não deveriam ser mortos e que deveriam ser respeitados e tratados com dignidade (MACHADO e PAIXÃO, 2014). Em Roma, os gatos desempenhavam um papel como caçadores de ratos, o que contribuiu para esses animais formarem colônias por toda a Europa, já que eram transportados em barcos durante a expansão do império Romano. Na China, eram animais de companhia de mulheres e entendidos como capazes de afastar os demônios usando seus olhos enigmáticos. E no Japão eram considerados como um símbolo de sorte e prosperidade (GANDRA, 2015).

Durante o período medieval, com a hegemonia cultural do cristianismo, estabeleceu-se o pensamento que apenas o ser humano era dotado de uma alma. A interpretação dominante nesse momento foi de que a ausência de alma tornava os outros animais inferiores à espécie humana e, portanto, destinados a servir aos propósitos de nossa espécie (VIEIRA, 2008). O gato porém, não se encaixava nem na categoria de animal para o consumo nem na de animal domesticável para trabalhar para os humanos (OSÓRIO, 2010). Era comum serem mantido em várias casas com apenas a função prática da caça, sendo tratado muitas vezes sem regalias, deixados sem alimentação e evitando-se o contato físico para prevenir as doenças que se acreditava que transmitisse, como a asma (THOMAS, 2010).

A má interpretação dos hábitos dos gatos e sua associação com a feitiçaria em uma Europa dominada pelo medo levaram as pessoas a cometerem as mais diversas crueldades (OSÓRIO, 2010). Já no século XVII, aumentavam as indagações a respeito do tratamento dos humanos para com as outras espécies. Já não se considerava os outros seres como tendo sido criados por Deus apenas para servir à humanidade e, dessa forma, passava-se a questionar as práticas que lhes

infligiam sofrimento (THOMAS, 2010). Diante desse movimento contra os maus tratos, a perseguição aos gatos foi reduzindo e, durante o reinado de Luís XIV (1643-1715), na França e no início da dinastia dos Stuart (1603-1714), na Inglaterra, já eram numerosos os amigos dos felinos e havia algumas obras em sua homenagem (THOMAS, 2010; GANDRA, 2015).

A partir do século XVIII, inicia-se uma nova tendência: a criação de animais que possuíam apenas a função de companhia para a espécie humana. Durante esse período, já era desconstruída a personificação ruim do gato e esse animal passou a ser um item de luxo da burguesia (OSÓRIO, 2010). O uso instrumental dos gatos na caça de ratos aos poucos foi sendo substituído pelo posicionamento de um animal doméstico. Essa elevação de status pode ter sido acompanhada pela elevação dos padrões de asseio da população inglesa, que passa a admirar a sua limpeza e elegância (THOMAS, 2010).

2.2 Representações de senso comum sobre o gato e o crescimento de seu status como animal de companhia

O conhecimento empírico ou vulgar é o conhecimento formado a partir do senso comum. É o conjunto de crenças compartilhadas por uma sociedade ou comunidade, que as considera uma forma lógica de conhecimento (FRANCELIN, 2004). Diante do senso comum, o gato parece ocupar uma posição bastante anômala, sendo facilmente notada a ambiguidade que há no tratamento para com esse animal. É comum ser dito que este felino caça ratos, o que é uma característica ancestral selvagem, mas, ao mesmo tempo, é um animal de companhia e, portanto, domesticado. O gato também é tratado como um animal independente, que se limpa e alimenta só e que se apega à residência e não ao tutor (OSÓRIO, 2010).

Oriunda da medicina do período medieval, existe a crença de que o pelo desses animais é responsável por causar asma e outras doenças respiratórias, sendo muitos gatos abandonados em abrigos e ruas em função dessa crença que ainda permanece na atualidade (MACHADO e PAIXÃO, 2014). Os gatos também são associados a poderes sobrenaturais, sendo considerados animais com sete vidas ou que dão azar, como é comumente dito sobre os gatos pretos. Essa crença sobrenatural leva o gato a ser definido como um animal sacrificial, sendo ainda utilizados no Brasil em rituais religiosos (GANDRA, 2015).

A palavra gato também é usada para se referir a ligações clandestinas nas redes elétricas. Sendo provável que essa comparação seja feita pela visão que as pessoas possuem de que esses

animais são traiçoeiros e mal-intencionados (MACHADO e PAIXÃO, 2014). Outras expressões comuns no Brasil são: “gato escaldado tem medo de água fria”, “gato escondido com rabo de fora” e “a curiosidade matou o gato”. A palavra gato no Brasil também está presente no “jogo do bicho” e para expressar característica de beleza em homens e mulheres (OSÓRIO, 2010). Nota-se que a existência da ambiguidade acerca do gato é proveniente da influência dos mitos e práticas culturais, disseminados por tanto tempo, que não sofrem análise crítica, causando algumas consequências negativas para o bem-estar dos animais, sendo comum o pensamento que eles são resistentes e que, se machucados ou abandonados, saberão se recuperar e encontrar formas de sobreviver (MACHADO e PAIXÃO, 2014).

Mesmo possuindo uma posição ambígua e ainda sendo vistos com certo receio, nos últimos anos houve um aumento significativo na população felina. Em vários países da Europa, a quantidade de gatos como animais de companhia cresceu de tal forma que ultrapassou a população de cães. Isto se deve ao fato de que esse um animal de fácil adaptação em apartamentos e casas pequenas e por suportarem melhor a ausência de seu tutor por mais horas no dia que um cachorro (DRISCOLL *et al.*, 2009).

Atualmente, os animais serem levados ao veterinário *ou ao pet shop* tem se tornado comum, especialmente nas classes média e alta, mas há poucas décadas esse tratamento era inimaginável, pois os animais de estimação no Brasil comiam restos de comida e não eram benquistos dentro das casas (LIMA, 2016). Segundo uma pesquisa realizada nos Estados Unidos, 41% dos tutores levam seu animal a um médico veterinário uma ou duas vezes por ano, e outros 32% fazem de três a quatro visitas. Outro dado a considerar é que esses animais também representam um mercado em ascensão, o dito mercado *pet*, que gera milhares de empregos, na indústria e no comércio de alimentos e acessórios (TATIBANA e COSTA-VAL, 2009). O crescimento do mercado *pet* foi um componente fundamental na mudança de sensibilidade em relação aos animais de companhia. A percepção de cuidado e controle também passou por mudanças. Os animais de estimação eram comumente adjetivados como livres, principalmente os gatos que, mesmo quando viviam no interior das casas, poderiam ir para as ruas quando bem quisessem. O surgimento do discurso atual de que “gato feliz é gato seguro” e de que “quem ama o gato tela a casa”, é justificado pela expansão de um imperativo de cuidado e proteção à integridade física e à saúde desses animais por parte dos seus tutores (LIMA, 2016).

2.3 Abandono e maus tratos contra gatos no mundo contemporâneo

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 1, n. 2, p. 22-44, jul.-dez., 2018.
Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 1, n. 2, p. 22-44, jul.-dic., 2018.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 1, n. 2, p. 22-44, jul.-dez., 2018.

Apesar das mudanças recentes, os gatos domésticos ainda são recorrentemente submetidos a atos de crueldade, abandono e morte, possuindo, também, uma baixa taxa de adoção quando comparados aos cães. Esse fato pode ser consequência do seu simbolismo negativo, como também a alta taxa reprodutiva que possuem (MACHADO e PAIXÃO, 2014). O padrão de criação que predomina ainda é o livre acesso à rua, não havendo muita diferença entre os gatos “de raça” e os “sem raça definida” no que diz respeito à habilidade para andar na rua, pois todos os felinos são considerados com plena capacidade de saírem e voltarem para casa sem sofrer danos. Essa crença na independência leva muitos os tutores a imaginarem que seus animais fugiram ou foram roubados quando esses não voltam para casa, ao invés de imaginar que tenham sido atropelados ou envenenados (LIMA, 2016).

Os gatos possuem necessidades para o seu bem-estar que levam os seus tutores a terem uma dedicação diária em relação aos mesmos. Mesmo acreditando-se que o gato é um animal independente, este necessita de cuidados específicos, criando um vínculo de interação e dependência com a espécie humana. Quando os tutores resolvem adotar ou comprar um gato, muitas vezes, acabam por criar expectativas e quando não correspondida, frustrados, os tutores acabam por se desfazerem dos seus “bichanos” (LIMA & LUNA, 2012). Além disso, animais de companhia em geral ainda são tratados como objetos de posse e descartados quando não for mais conveniente mantê-los. Esse evento de naturalização do descarte de animais é denominado cultura do abandono, que se resume na facilidade que os tutores encontram em se desfazer de seus animais ou repassá-los sem gerar espanto social (SCHULTZ, 2009).

De acordo com o Art. 32 da Lei Ambiental nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998 está previsto como crime, praticar ato de abuso, maus-tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos, com pena de detenção de três meses a um ano, e multa (MACHADO e PAIXÃO, 2014). No entanto, o maior problema enfrentado, não é a falta de uma lei que proteja os animais contra crueldades e assassinato, mas uma fiscalização para coibir esses atos, como também uma melhor aplicabilidade da lei (LIMA & SILVA NETTO, 2010).

Até a década de 1990, era comum o uso da eutanásia de animais sadios como forma de controle populacional no mundo todo. Porém, em diversos países como Holanda, Áustria, Suíça e Chile esse método de controle vem sendo substituído por métodos caracterizados como humanitários, como são os casos da esterilização cirúrgica e a Captura, Esterilização e Devolução

(CED) (CAVALCANTI, 2016). O desenvolvimento dessa sensibilidade voltada para os outros seres em conjunto com a divulgação do parecer técnico da OMS sobre a ineficácia do extermínio de animais em situação de rua surgiu as reivindicações da sociedade civil, exigindo que o Estado assumisse o dever de proteger e zelar pela vida e bem-estar de cães e gatos (LIMA, 2016). A prática de captura e sacrifício de cães e gatos é caracterizada como moralmente incorreta, de caráter antropocêntrico e especista, quando os interesses desses seres senscientes em manter suas vidas são negados. Principalmente quando levamos em consideração que existem estratégias alternativas, humanitária e mais eficazes, para o controle populacional desses animais, como também o controle de zoonoses, o que caracteriza a dor, o sofrimento e a morte desses animais como desnecessários e, até mesmo cruéis (SINGER, 2008). A crueldade e maus tratos contra animais não humanos são fatos antigos e um cenário preocupante. Na Europa essa preocupação se inicia em 1980 com a implementação de leis e instituições mais eficazes. A Convenção Europeia de 1987 para a Proteção dos Animais de Companhia, reconhece a importância desses animais atribuindo-lhes valor (CAVALCANTI, 2016). Esse valor é denominado valor inerente, que é um modo de definir a criatura como indivíduo (FRANCIONE, 2013).

Países como o Áustria e Suíça possuem leis detalhadas que previnem os maus tratos aos animais, não permitindo que sejam submetidos a cirurgias estéticas e fiscalizando os criadouros e o comércios. Porém, em outros países como a Malásia e a Índia, há uma preocupação com o bem-estar animal, mas não é uma prioridade, sendo permitido a captura e morte de animais em situação de rua (CAVALCANTI, 2016). As espécies socialmente distanciadas são vistas como animais e a violência que lhes é infligida não parece ser contra indivíduos, e sim contra seres abstratos. Esse é o cenário que os animais em situação de rua se encontram. Essas medidas naturalizadas pelos serviços de controle de zoonoses, estão sendo fragilizadas pelo efeito gerado das ações do movimento de proteção animal que se encarrega de sensibilizar a população e por essa técnica ter a sua eficácia questionada (LIMA, 2016).

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Partindo do pressuposto que todo indivíduo possui conhecimento seja esse adquirido de forma científica ou por crença popular foi elaborado um questionário buscando avaliar o conhecimento acerca da problemática que é a convivência com os gatos em ambientes urbanos, assim como a influência que o contexto histórico possui nessas relações. Para isso o questionário

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 1, n. 2, p. 22-44, jul.-dez., 2018.
Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 1, n. 2, p. 22-44, jul.-dic., 2018.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 1, n. 2, p. 22-44, jul.-dec., 2018.

foi elaborado com perguntas de opinião sobre os costumes desse animal, experiências, convívio em locais públicos e o sentimento que o participante tem para com esse felino.

3.1 Etapa de Escolha da População e Determinação da Amostra

A população escolhida para participar da pesquisa foi de estudantes universitários. A decisão de usar essa população se deu por se destacarem como a parcela da sociedade com maior acesso ao conhecimento científico. Entretanto, para aplicação dos questionários, foram selecionados apenas os estudantes do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco, que constituem a maior parcela dos que frequentam o Centro de Biociências. A escolha do Centro, por sua vez, se deu por este ter sido, e ser foco de abandono e por mediar conflitos acerca da presença dos gatos, como também por ser o centro de maior atuação do programa Adote Um Vira-Lata, que é um programa de extensão da Universidade Federal de Pernambuco atuante desde 2007 dentro e fora do campus promovendo educação ambiental para a guarda responsável, mutirão de castração e eventos de adoções de cães e gatos.

O curso de Ciências Biológicas possui oito períodos, com durabilidade de quatro anos. Para a aplicação do questionário, foi utilizado como critério de inclusão os estudantes maiores de 18 anos que faziam parte do primeiro, segundo, sétimo e oitavo períodos das três modalidades de Ciências Biológicas do Centro de Biociências da UFPE (bacharelado, licenciatura e ambientais) durante o segundo semestre do ano de 2017. Os outros cursos que possuem atividades realizadas no CB não foram utilizados na pesquisa por possuírem curto período de frequência nesse centro, o que influencia no cotidiano dos alunos com esses animais.

Para determinar a amostra foi utilizada a seguinte fórmula:

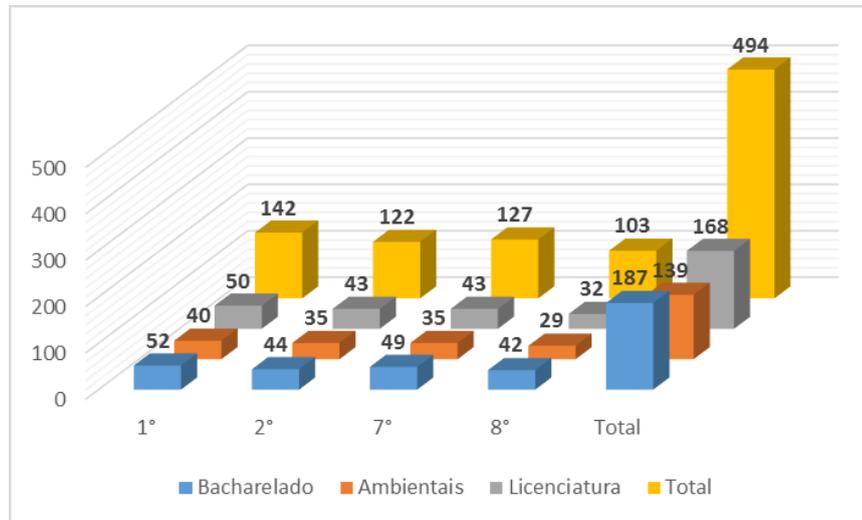
$$n = \frac{N \cdot Z^2 \cdot p \cdot (1 - p)}{Z^2 \cdot p \cdot (1 - p) + e^2 \cdot (N - 1)}$$

Através dessa fórmula foi possível determinar a amostra necessária para representar a população finita, participante da pesquisa, de maneira significativa. Assim, n é a amostra calculada, N é a população; Z é a variável normal padronizada associada ao nível de confiança; p é a verdadeira probabilidade do evento; e e é o erro amostral (LUCHESA & NETO, 2011).

As 12 turmas escolhidas para a aplicação dos questionários das três modalidades possuíam um total de 494 alunos, dos quais 187 eram de bacharelado, 139 de ambientais e 168 de

licenciatura (Figura 1).

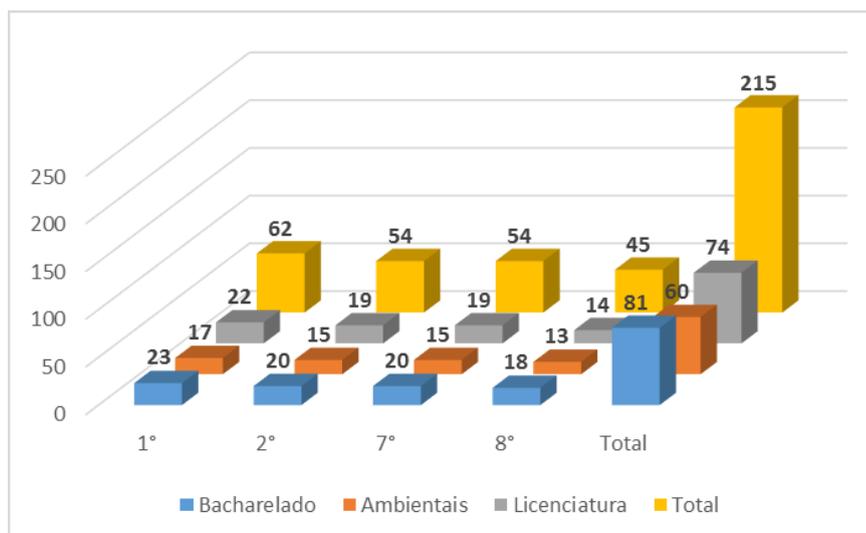
Figura 1 - Total de alunos nos quatro períodos selecionados para a aplicação de questionário.



Fonte: elaboração própria.

Dos 494, 215 foram selecionados como amostra. Após a determinação da quantidade total dos alunos a participarem, foi calculado uma nova amostra para determinar dentre esses 215 estudantes quantos de cada período eram necessários para a pesquisa (Figura 2), de forma a manter o equilíbrio entre a quantidade de estudantes do começo (primeiro e segundo períodos) e do final do curso (sétimo e oitavo períodos) que foram categorizados em dois grupos: calouros e concluintes.

Figura 2 – Estudante de cada período que participou da pesquisa



Fonte: elaboração própria.

3.2 Etapa de Aplicação de Questionários e Análise de Dados

O questionário utilizado foi desenvolvido com análises quantitativas com perguntas de opinião e conhecimento acerca do gato. Para ser realizada a etapa da aplicação dos questionários foi necessário que a seguinte pesquisa fosse analisada pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (CEP – UFPE) e aprovada com o parecer consubstanciado. A aplicação foi realizada de forma presencial pela equipe de extensionistas do programa Adote Um Vira-Lata da UFPE, quando os participantes assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido antes da equipe iniciar as perguntas. Os horários de aplicação variaram entre os turnos da manhã, tarde e noite de acordo com a disponibilidade de cada participante.

Os dados obtidos foram submetidos a tratamento estatístico, utilizando-se o programa SPSS. Primeiramente foi traçado o perfil dos participantes como: sexo e idade, para que posteriormente fossem separados por modalidade de curso e agrupados por período, calouros (1º e 2º períodos) e concluintes (7º e 8º períodos). Para as respostas de cada questão foram calculadas frequências como também cruzamentos de dados entre as questões que poderiam ter poder causal ou interferência entre si. A escolha do programa de estatística SPSS para avaliar os dados da pesquisa se deu porque este faz uso de funções estatísticas para tratar dos problemas da qualidade e da complexidade dos dados como também facilita a identificação de grupos e das suas relações (FERREIRA, 2015).

Durante o desenvolvimento desta pesquisa notou-se que alguns participantes apresentaram interesse pelo assunto abordado, pois os mesmos fizeram comentários e perguntas que foram esclarecidas pela equipe após encerrar o questionário para que as respostas não influenciassem a opinião dos alunos evitando que a pesquisa ficasse tendenciosa.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre os 215 estudantes que participaram da pesquisa 37,7% são do sexo masculino e 62,3% do sexo feminino. Essa proporção é similar ao universo de pesquisa, pois 59,5% do total de estudantes dos quatro períodos participantes são mulheres. A idade dos participantes variou entre 18 e 24 anos. Em alguns testes, a modalidade e o período do curso foram tratados como variáveis independente (com hipótese de possuírem poder causal) tanto pela diferença do foco de

ensino de cada modalidade e período quanto por possuírem horários e locais distintos de aulas, o que pode interferir na percepção do estudante a respeito dos felinos, que possuem comportamento diferente de acordo com o horário do dia. A distribuição dessa amostra pode ser visualizada nas tabelas a seguir (Tabela 1 e 2):

Tabela 1 - Curso da área de Biológicas em que o aluno está matriculado

	Frequência	Porcentagem
Bacharelado	81	37,7%
Ambientais	60	27,9%
Licenciatura	74	34,4%
Total	215	100%

Fonte: elaboração própria, 2017.

Tabela 2 - Grupo de estudantes que o aluno está inserido

	Frequência	Porcentagem
Calouros 1º e 2º	116	54%
Concluinte 7º e 8º	99	46%
Total	215	100%

Fonte: elaboração própria, 2017.

Para traçar o perfil dos participantes também foram realizadas perguntas sobre o sentimento que possui por gatos e se já criou esse animal, pois a experiência contida em uma relação preexistente e o sentimento que o participante possui quanto ao gato poderiam influenciar as opiniões para esse estudo. Referente ao aluno já ter tido um gato, 107 participantes responderam afirmativamente enquanto que 108 negativamente, demonstrando um equilíbrio entre o número de indivíduos que tiveram e os que não tiveram experiência com esses animais. Quanto ao sentimento dos participantes em relação aos gatos, foram separadas em três categorias: negativos, indiferença e positivos. Dos 215 participantes 23 afirmaram possuir sentimentos negativos como raiva, nojo e medo, 23 afirmaram ser indiferentes e 167 afirmaram possuir sentimentos positivos como amor, carinho e respeito.

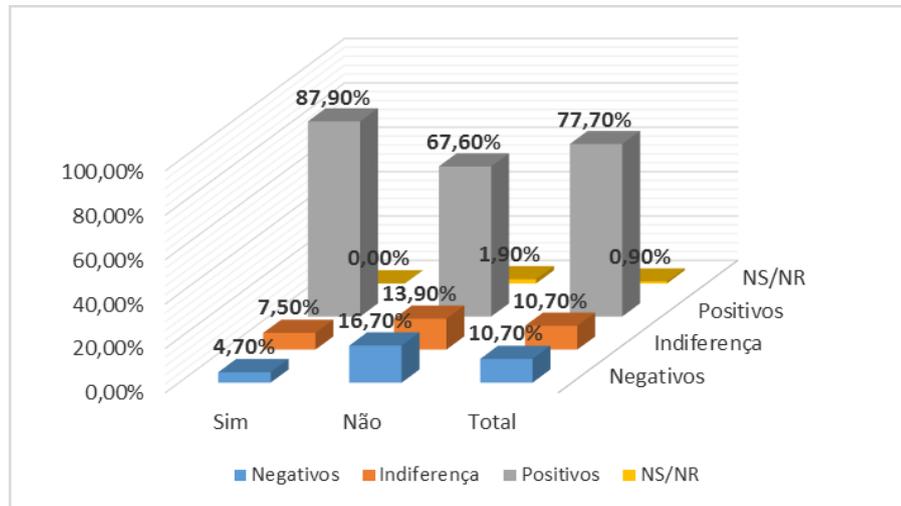
Para finalizar a etapa do perfil dos participantes, foram relacionadas as variáveis de já ter criado gato com o que sentiam por esses animais, com o intuito de identificar se há uma correlação

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 1, n. 2, p. 22-44, jul.-dez., 2018.
Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 1, n. 2, p. 22-44, jul.-dic., 2018.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 1, n. 2, p. 22-44, jul.-dec., 2018.

entre ter a experiência e os sentimentos positivos (Figura 3).

Figura 3 - Experiência de tutoria de gatos x sentimentos em relação à espécie



Fonte: elaboração própria, 2017.

No gráfico acima é possível observar que a hipótese é verdadeira com $p = 0,003$ para o teste Qui-quadrado, ou seja, os participantes que tiveram experiências de criar gatos possuem mais sentimentos positivos (87,90%) tais como amor, carinho e respeito do que os que nunca tiveram essa experiência, o que mostra que a socialização, pautada nas interações, pode ser contrária as crenças negativas sobre os seus comportamentos. Deve-se ainda destacar que, mesmo entre os estudantes que nunca criaram gatos, 67,7% demonstraram sentimentos positivos, pressupondo-se mudanças nas relações humanas com essa espécie (LIMA, 2016).

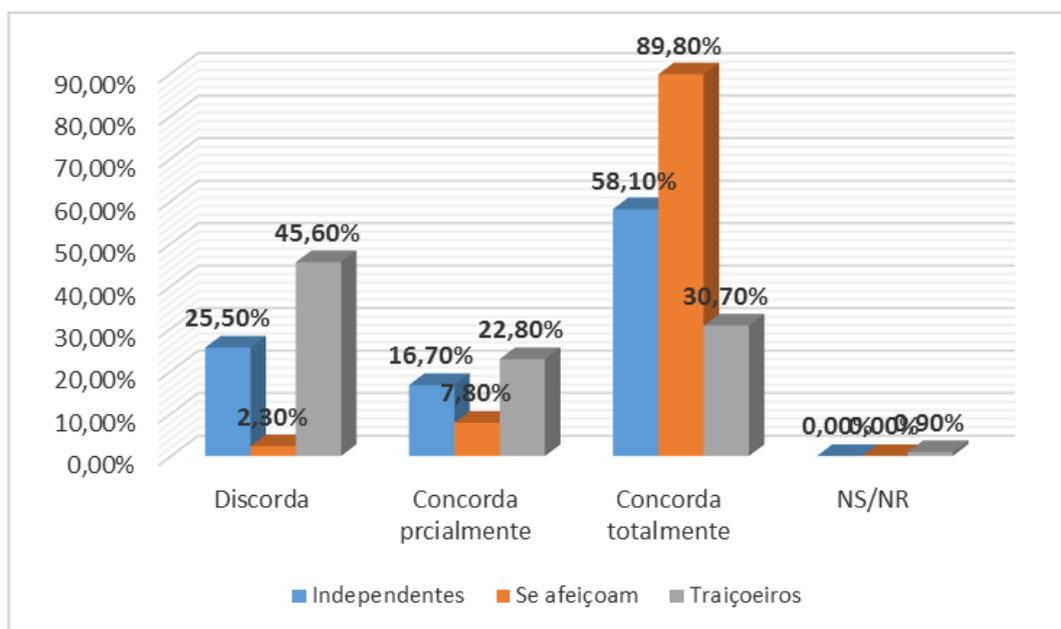
4.1 Conhecimento e representações sobre o comportamento felino

Os mitos e crenças populares quanto ao comportamento e hábitos dos gatos possuem papel fundamental na forma como os humanos podem interagir com eles. Para analisar a relação dos estudantes com gatos e seu conhecimento sobre os seus comportamento e hábitos, foi pedido que os participantes respondessem de um a cinco seu grau de concordância quanto o gato ser um animal independente, traiçoeiro e que não se afeiçoa aos seus tutores. Posteriormente as respostas foram separadas em três categorias: discorda (1 e 2); concorda parcialmente (3); concorda totalmente (4 e 5), sistematizadas no gráfico abaixo (Figura 4).

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 1, n. 2, p. 22-44, jul.-dez., 2018.
Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 1, n. 2, p. 22-44, jul.-dic., 2018.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 1, n. 2, p. 22-44, jul.-dec., 2018.

Figura 4 – Concordância em relação a representações populares sobre gatos



Fonte: elaboração própria, 2017.

Segundo Osório (2011) a teoria que o gato é um animal independente é acompanhada pela visão de que quando em situação de rua saberão como sobreviver encontrando sozinho comida e proteção. Os gatos possuem uma distinção comportamental dos cães em que diferente destes não demonstram submissão e quando se sentem ameaçados, podem arranhar e morder quem se aproxima (LIMA, 2016). A dificuldade de controlar os gatos foge ao modelo do que Machado e Paixão (2014) caracterizam como a visão popular de animais “bons”. Segundo esse conceito, esses ditos animais bons seriam aqueles que aceitam a situação de subordinação dada pelo humano. Essa afirmativa é reforçada pelo dado de que 161 (74,8%) participantes concordam parcialmente ou totalmente que o gato é um animal independente. Um dos problemas dessa associação é a relação que ela possui com o abandono, pois quando os tutores não podem mais se responsabilizar pelo animal, a visão de que sozinhos saberão se virar impulsiona o ato de abandonar (OSÓRIO, 2011).

A ideia de que o gato é um animal que não se conecta com seu tutor e que possui uma relação de interesse está atrelada ao fato deste não ser totalmente controlado pela espécie humana e não demonstrar lealdade a seus tutores da mesma forma que os cães. Essas características podem acabar recebendo interpretações negativas e causar frustrações aos seus guardiões quando criam expectativas sobre como vai ser a relação com esse felino (MACHADO & PAIXÃO, 2014).

Porém, o gato é um animal que desenvolve relações afetivas com seus guardiões e que quando abandonados podem desenvolver distúrbios comportamentais como depressão, ansiedade e agressividade (COSTA, 2013). Quando questionados quanto a possibilidade de o gato criar relações afetivas com seus tutores 193 (89,9%) alunos tiveram uma posição de concordância, o que é uma visão contrária a crença popular que esse animal se apega a casa e não ao “dono” (OSÓRIO, 2011). Quando esse dado é comparado com as opiniões sobre esse animal ser independente, observa-se que mais de 70% dos alunos acreditam que sim, mas que também podem criar relações de afeto com os seus guardiões.

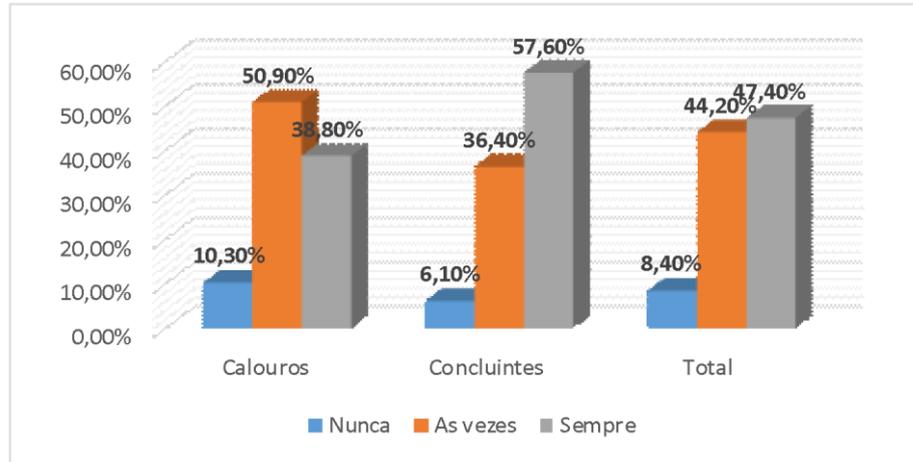
Em relação ao gato como um animal traiçoeiro, houve equilíbrio entre as respostas, com apenas 7,9% de diferença entre as opiniões dos participantes se mostrando uma crença forte entre estes. Os gatos são vistos de forma ambígua, pois ao mesmo tempo que são enxergados como domésticos também são selvagens e representados como “independentes e traiçoeiros” (OSÓRIO, 2011). No Brasil, o gesto de afeto demonstrados pelos gatos mais conhecido é o ato de se enroscar nas pernas como forma de pedir atenção. Porém, esse ato pode ter interpretações negativas como demonstração de interesse. Enquanto alguns podem admirar as características felinas, no Brasil uma maioria ainda acredita que esses animais são traiçoeiros e interesseiros (LIMA, 2016).

4.2 Relação com os gatos no campus

Considerada como um problema, a presença, assim como a convivência com os gatos em ambientes urbanos, provocou a preocupação em entender como ocorre a relação humana com felinos em situação de rua e como esse animal é percebido por população. A percepção quanto a presença do gato no Centro de Biociências é observada diante da frequência que os alunos costumam perceber esses animais no Centro. Dos 215 participantes apenas 18 (8,4%) afirmaram nunca ter visto um gato no CB, o que mostra que é comum o hábito desses animais circularem entre os alunos. Quando relacionado a modalidade do curso com a frequência em notar esse animal não foi encontrado significância o que implica dizer que mesmo com horários distintos das atividades nas três modalidades esse animal pode ser percebido no Centro independente do horário. O mesmo não ocorreu para a relação dessa variável com o período o qual a significância foi $p = 0,021$ para o teste Qui-quadrado de Pearson, o que implica afirmar que o período possui poder causal sobre a percepção do aluno quanto a presença do gato no centro, que pode ser observado no gráfico abaixo (Figura 5), o qual apresenta que os concluintes percebem com mais

frequência do que os calouros. Isto pode ocorrer porque as aulas dos primeiros períodos do curso de Ciências Biológicas, ao contrário dos concluintes ocorrem, em sua maioria, em outro prédio.

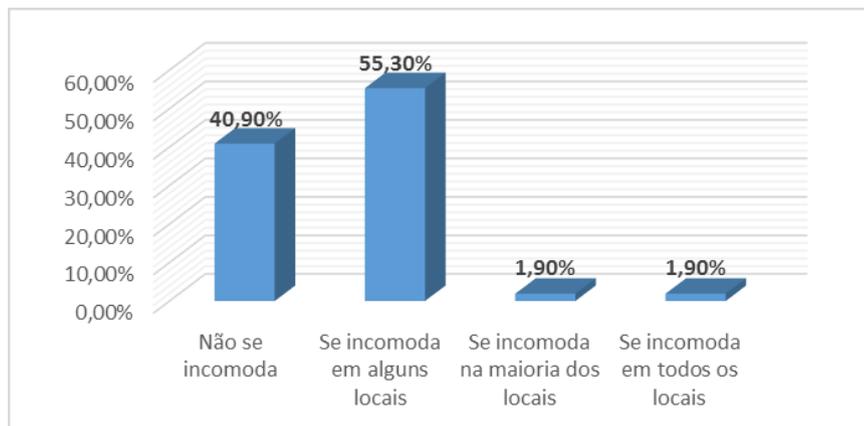
Figura 5 – Período do aluno e a frequência que percebe a presença do gato no CB



Fonte: elaboração própria, 2017.

Quanto ao incômodo dos estudantes com a presença dos gatos em algum local do campus, observa-se que 88 (40,9%) dos participantes não se incomodam com esse animal em nenhum ambiente, como pode ser visto na (Figura 6).

Figura 6 - Locais de incômodo dos estudantes com a presença dos gatos no campus



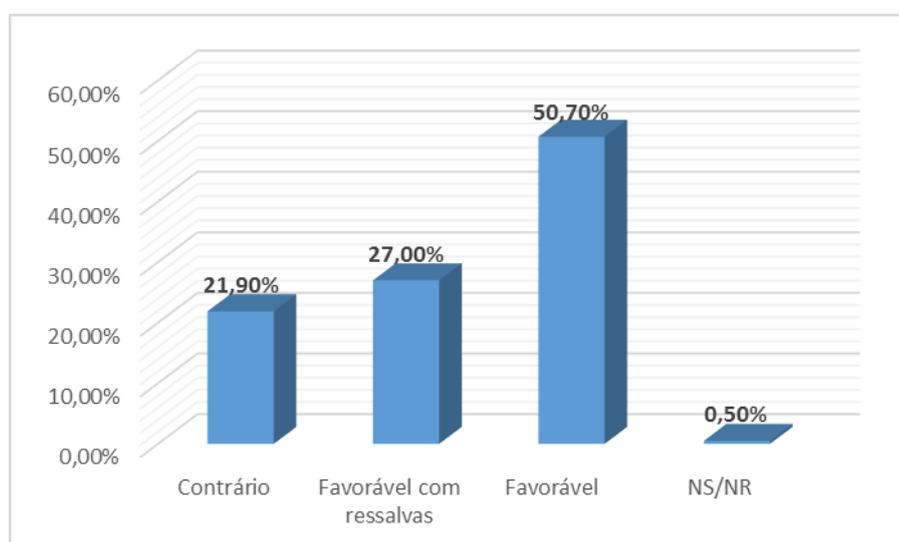
Fonte: elaboração própria, 2017.

Porém, 127 (59,1%) estudantes afirmaram se incomodar com a presença dos gatos no campus, e para estes foi questionado o motivo. Em resposta, 75 alunos se incomodam por acreditar que a presença dos gatos em determinados ambientes não é higiênica; 9 acreditam que podem

transmitir doenças; 14 estavam preocupados tanto com a higiene quanto com a transmissão de doenças; 6 afirmaram que esses animais podem atrapalhar as atividades acadêmicas e 22 deram outros motivos, como não gostar do animal, acreditar que causem má impressão à Universidade ou porque podem sujar ou destruir objetos.

No Campus da UFPE existe a problemática do abandono de animais domésticos e, por esse motivo, há a proposta de proibir estudantes e funcionários da universidade de fornecerem alimentos para os animais acreditando-se que esse ato é responsável por incentivar o abandono. Dentro dessa visão buscou-se analisar as opiniões dos estudantes se esses eram favoráveis ou não à alimentação dos gatos dentro do campus, que podem ser observadas a seguir (Figura 7).

Figura 7 - Opinião dos estudantes quanto a alimentação dos gatos no campus da UFPE



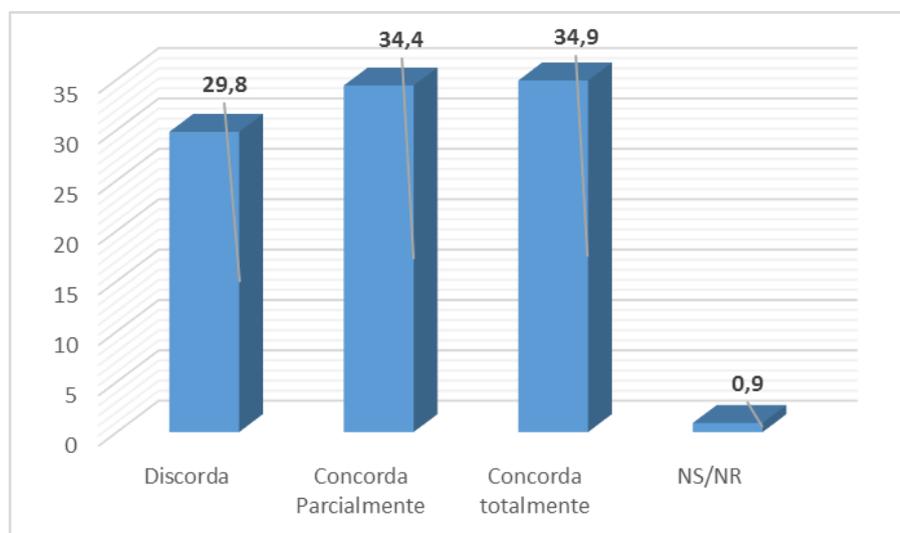
Fonte: elaboração própria, 2017.

Quanto à opinião dos participantes sobre a alimentação dos gatos no campus da UFPE, apenas 47 estudantes foram contra e 58 acreditavam não ser correto alimentá-los no campus, mas se mostraram contra deixar o animal passar fome. Para os 47 contrários à alimentação no campus e os 58 que apresentaram ressalvas, pediu-se que explicassem o motivo para a opinião sobre o tema. Desses 105, 19 afirmaram que alimentar no campus estimula o abandono, 13 afirmaram que estimula o abandono, atrai outros gatos e aumenta a procriação, 11 acham que o ato atrai outros gatos, 10 consideraram falta de higiene; 5 acreditam que aumenta a procriação; 1 não respondeu e 46 tinham outros motivos, como: eles podem comer alimento ruim, as pessoas podem machucar

eles, podem preda outros animais, entre outros. Já entre os favoráveis e os favoráveis com ressalvas, os motivos mais citados para que sejam alimentados no campus foram: 125 para que não passem fome; 17 afirmaram ter pena dos gatos; 1 para evitar a caça de outros animais; 25 deram outras respostas.

Sobre o contato com os gatos que vivem no CB, os estudantes foram questionados se concordavam que as pessoas que frequentam o centro brinquem e acariciem esses animais (Figura 8).

Figura 8 - Opinião dos estudantes quanto às pessoas brincarem e acariciarem os gatos do CB.



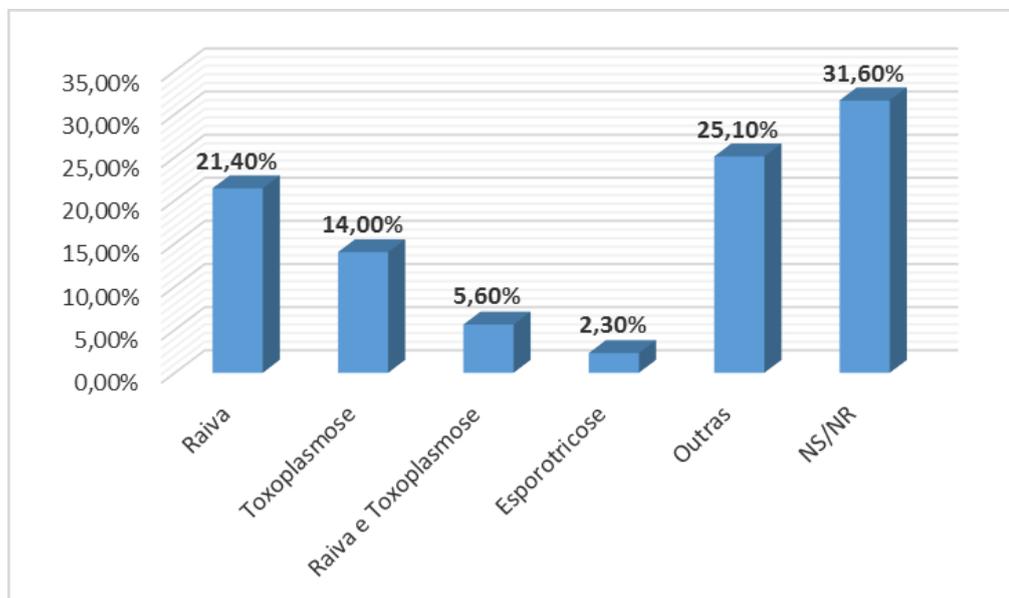
Fonte: elaboração própria, 2017.

No gráfico acima pode-se observar que 149 (69,3%) participantes concordam parcialmente ou totalmente com o contato próximo entre as pessoas que frequentam o CB e os gatos, porém os que responderam concordar parcialmente assim como os que discordaram com esse contato apresentaram uma preocupação com a transmissão de doenças porque esses animais não recebem cuidados e higiene adequada. O que reforça o distanciamento em que os animais em situação de rua se encontram em comparação com os que possuem lares que pode ser motivado por um medo existente do contágio de zoonoses (LIMA, 2016).

Segundo a OMS, (2016) zoonoses é o termo utilizado na medicina que caracteriza doenças infecciosas que podem ser transmissíveis entre animais vertebrados e seres humanos. Para entender essa relação de receio dos participantes quanto as doenças transmitidas por gatos foi feita inicialmente uma pergunta aberta, que pedia que listassem livremente todas as doenças que eles

acreditavam que o gato poderia transmitir ao ser humano. As respostas foram agrupadas de acordo com os dados exibidos na Figura 9:

Figura 9 - Quais doenças o aluno acredita que o gato transmite para o ser humano



Fonte: elaboração própria, 2017.

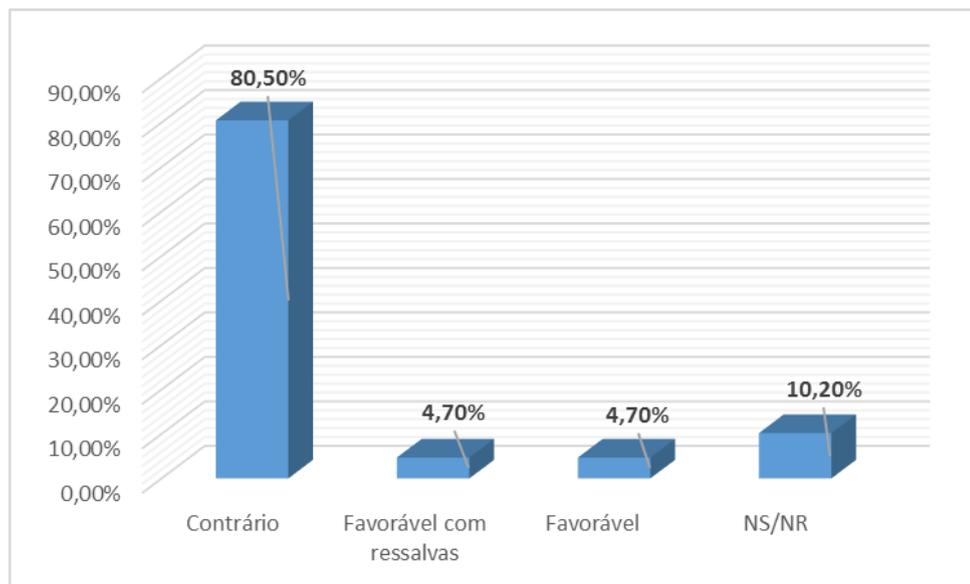
Neste gráfico observa-se que raiva é a zoonose mais citada (21,4%), mas também é observado que 31,6% dos estudantes não souberam ou preferiram não responder. Isto mostra falta de informação sobre o tema, o que pode ter levado-os ao esquecimento ou até mesmo deixando-os inseguros nas respostas. Em seguida vêm os 25,1% que apontaram outras doenças efetivamente não associadas aos gatos. Assim sendo, 56,7% dos participantes não possuem conhecimento sobre quais zoonoses o gato é capaz de transmitir para o ser humano. Esse desconhecimento pode levar as pessoas a evitar a aproximação e o contato com os gatos, por achar que correm grande risco de contaminação (LIMA, 2016).

O incômodo com a sua presença e o medo por suas representações negativas podem ser os principais fatores para a escolha de medidas drásticas como forma de solucionar o problema da presença desse animal em locais públicos (LIMA, 2016). Em 2002 foi realizada uma pesquisa em um dos prédios da Universidade de Brasília - UNB para saber quais sentimentos as pessoas que frequentavam o prédio possuíam por gatos e se eram a favor da matança desses animais após uma denúncia que segundo relatava, nove gatos teriam sido envenenados dentro do campus em um curto período de tempo (SAITO *et al.*, 2002). Segundo o artigo publicado sobre a matança dos

gatos na UNB, 309 pessoas participaram da pesquisa, sendo os participantes estudantes, professores e funcionários onde buscou-se a comparação das respostas por sexo, segmento social da comunidade e por área de formação/conhecimento. Nesta pesquisa observou-se que não houve diferença devido ao gênero dos participantes como também nas áreas de conhecimento em que atuam estudantes, técnicos e professores quanto as atitudes relacionadas à matança de gatos, em que esses se apresentaram contrário a essa atitude.

Assim como o estudo realizado na UNB, no presente estudo os participantes também se mostraram contrário à captura e morte de animais em situação de rua como forma de promover o controle populacional dessa espécie. Esse fato pode ocorrer pela existência de uma consciência moral acerca da eutanásia de animais saudáveis. Essa afirmativa pode ser observada a seguir (Figura 10), que apresenta a frequência dos estudantes que são contra a aplicação desse método.

Figura 10 - Opinião do estudante sobre o método de captura e eutanásia de gatos como controle populacional.



Fonte: elaboração própria, 2017.

Neste gráfico é observado que apenas 10 (4,7%) estudantes foram a favor desse método como forma de controle populacional, o que indica que, mesmo acreditando ser possível a contaminação de diversas doenças através da convivência com esse animal, os estudantes ainda se mostraram contrários a medidas extremas como o método de extermínio dessa espécie a fim de controlar suas populações em locais públicos.

Durante a aplicação dos questionários, foi percebido que, embora atue dentro da UFPE

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 1, n. 2, p. 22-44, jul.-dez., 2018.
Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 1, n. 2, p. 22-44, jul.-dic., 2018.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 1, n. 2, p. 22-44, jul.-dez., 2018.

desde 2007, o Programa Adote Um Vira-Lata não é amplamente conhecido pelos estudantes que frequentam o Centro de Biociências. Isso se deve à baixa divulgação que o programa realiza sobre sua atuação, devido ao receio de que, ao descobrir a existência de um programa dentro da Universidade, uma quantidade maior de pessoas se sintam incentivadas a abandonar animais no campus. Ao contrário do que essas pessoas acreditam, nem todos os gatos deixados no Campus encontram um destino favorável, pois muitos sofrem ataques de cães que também estão presentes na UFPE; são atropelados pelos carros que circulam no campus; adoecem ou até mesmo sofrem maus-tratos por parte das pessoas que frequentam a Universidade. O que esses dados parecem apontar, no entanto, é que os estudantes do CB poderiam ser facilmente mobilizados para colaborar com as ações do programa, inclusive no combate ao abandono e na busca por adoção para os animais que atualmente se encontram no centro. Por outro lado, é perceptível que se trata de um público a ser orientado com cuidado, para que essas ações ocorram de maneira segura, com a divulgação de informações confiáveis e bem fundamentadas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo existindo um programa no centro voltado para o controle populacional, adoção e educação para a guarda responsável, é possível observar que os alunos do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Pernambuco possuem, em sua maioria, um conhecimento baseado no senso comum acerca dos comportamentos e hábitos do gato. Esse desconhecimento sobre comportamento, aliado à carência de informações sobre zoonoses, que fazem parte da grade curricular dos cursos de ciências biológicas, são preocupantes, pois podem gerar problemas no convívio com os animais em situação de abandono. Esses dados tornam-se ainda mais preocupantes quando se pensa em sua configuração na população em geral, que não tem acesso a informações científicas com a mesma facilidade que o público que participou desta pesquisa.

Diante dos resultados encontrados, percebe-se que se faz necessária a realização de intervenções com o intuito de difundir informações confiáveis acerca do comportamento felino, dos agravos que acometem os animais em situação de abandono e das medidas de prevenção às zoonoses, de forma a amenizar o abandono e maus-tratos contra esses animais.

REFERÊNCIAS:

- Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais*, Salvador, v. 1, n. 2, p. 22-44, jul.-dez., 2018.
Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 1, n. 2, p. 22-44, jul.-dic., 2018.
Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 1, n. 2, p. 22-44, jul.-dec., 2018.

CAVALCANTI, A, C, B, A. **Animais em situação de rua: como países em situações socioeconômicas diversas lidam com esta questão de saúde pública**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2016.

COSTA, F, V, A. **Fatores relacionados a distúrbios de comportamento em gatos**, 2013. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/95062>. Acesso em: 13 de novembro de 2017.

DRISCOLL, C. A. CLUTTON-BROCK, J. KITCHENER. A. C. O'BRIEN, S. J. **The evolution of house cats**, 2009. Disponível em: <https://www.scientificamerican.com/article/the-taming-of-the-cat/>. Acesso em: 12 de janeiro de 2017.

FERREIRA, Diercio. **SPSS: pacote estatístico**, 2015. Disponível em: <http://peritiaeconomica.com.br/spss/>. Acesso em: 22 de Outubro de 2017.

FRANCELIN, Marivalde Moacir. **Ciência, senso comum e revoluções científicas: ressonâncias e paradoxos**. In: Ci. Inf., Brasília, v.33, n. 3, p.26-34, set./dez. 2004.

FRANCIONE, G. L. **Introdução aos direitos animais: seu filho ou cachorro**. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

GANDRA, Carlos. **A história do gato doméstico**, 2015. Disponível em: <https://www.mundodosanimais.pt/gatos/historia-domesticacao-do-gato/>. Acesso em: 10 de janeiro de 2017.

LIMA, M, H, C, C, A. **Animais de estimação e civilidade: a sensibilidade de empatia interespecie nas relações com cães e gatos**. Recife, PE, Brasil. [Tese de Doutorado]. Universidade Federal de Pernambuco, Departamento de Ciências Sociais, Recife, 2016.

LIMA, M.H.C.C.A & SILVA NETTO, G. M. **Significação de animais não-humanos e legislação de controle populacional** in II Congresso Mundial de Bioética e Direito Animal. Salvador, UFBA e Instituto Abolicionista Animal, 2010.

LUCHESA, C, J; NETO, A, C. **Cálculo do tamanho da amostra nas pesquisas em Administração**. 21 ed. Curitiba: Unicuritiba, 2011

MACHADO, Juliana Clemente; PAIXÃO, Rita Leal. **A representação do gato doméstico em diferentes contextos socioculturais e as conexões com a ética animal**. Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 231-253, jun. 2014. ISSN 1807-1384. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2014v11n1p231/26894>. Acesso em: 05 de janeiro de 2017.

OMS – Organização Mundial da saúde. **Zoonoses**, 2016. Disponível em:

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 1, n. 2, p. 22-44, jul.-dez., 2018.
Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, v. 1, n. 2, p. 22-44, jul.-dic., 2018.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 1, n. 2, p. 22-44, jul.-dec., 2018.

<http://www.who.int/topics/zoonoses/en/>. Acesso em: 09 de novembro de 2017.

OSÓRIO SARANDY, Andréa Barbosa. **Alguns aspectos simbólicos acerca do gato**. Ilha Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 12, n. 1,2, p. 233-259, jan. 2010. ISSN 2175-8034. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2010v12n1-2p233>>. Acesso em: 05 de janeiro de 2017.

OSÓRIO, Andréa B. Humanidade e não-humanidade: **notas sobre um grupo de protetores de gatos de rua**. 4o Seminário de Pesquisa do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional, da Universidade Federal Fluminense – UFF. Anais...Rio de Janeiro: 2011.

SAITO, C. H. et al. **A matança dos gatos na UNB: estilhaços da distância entre homens e animais**. Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient, v. 09, 2002.

SCHULTZ, S. **Abandono de animais - A dura realidade da vida nas ruas**, 2009. Disponível em: www.portalnossomundo.com/site/mais/artigos/abandono.html>. Acesso em: 09 de janeiro de 2017.

SINGER, P. **Libertação Animal**. Cidade do Porto, Portugal.: VIA OPTIMA - Coleção Diversos Universos, 2008.

TATIBANA, L. S. COSTA-VAL, A. P. **Relação homem-animal de companhia e o papel do médico veterinário**. V e Z em Minas, Minas Gerais, Ano XXVIII #103. Out. 2009. Disponível em: <http://www.crmvmg.org.br/novoportal/Principal/home.aspx>. Acesso em: 10 de janeiro de 2017.

THOMAS, K. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)**. São Paulo (SP): Companhia das Letras, 2010.

VIEIRA, A. M. L. **Controle Populacional de Cães e Gatos**. In: Ciênc. vet. tróp. Recife-PE, v. 11, suplemento 1, p.102-105, abril, 2008.